

*Prof. Antonio Luiz Catelan Ferreira  
Doutor em Teologia Dogmática pela Pontifícia  
Universidade Gregoriana de Roma,  
Professor de Teologia Sistemática na Pontifícia  
Universidade Católica do Rio de Janeiro, teólogo,  
membro da Comissão Teológica Internacional*



A EUCARISTIA: FONTE DA MISSÃO  
“CAMINHAMOS NO CAMINHO DE JESUS”

A reflexão sobre a Igreja, de modo geral ou em algum de seus aspectos, precisa levar em conta que a Igreja é, fundamentalmente, uma realidade eucarística. É criada continuamente, e recriada sempre de novo, pela Santíssima Eucaristia que celebra, seguindo a determinação do Senhor, que lhe confiou como memorial da Páscoa nova e definitiva. À luz dessa tradicional convicção, com relação ao tema que assumo para a presente conferência, a pergunta fundamental é: se toda a Igreja tem um “caráter” eucarístico, que relação a Eucaristia tem com a missão?

No atual contexto eclesial, para a abordagem do tema é relevante levar em conta o chamado feito pelo Papa Francisco para uma renovação sinodal da Igreja em vista de sua missão. Esse tema da sinodalidade, ele o vem abordando desde o início de seu ministério como Bispo de Roma. A primeira abordagem do Papa Francisco ao tema da sinodalidade ocorreu no discurso à delegação do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, dia 28 de junho de 2013. Nessa ocasião, referindo-se à prática sinodal das Igrejas Ortodoxas e ao diálogo teológico oficial a respeito da sinodalidade e do primado então em curso, o Papa reafirma a importância de “*conhecer profundamente as tradições recíprocas para as compreender e, por vezes, também para aprender delas*”.<sup>1</sup> No dia seguinte, na homilia na Solenidade de S. Pedro e S. Paulo, em 2013, quando afirmou: “*devemos caminhar por esta estrada da sinodalidade*”.<sup>2</sup> Ele abordou o tema principalmente nos discursos de abertura e de conclusão das

Assembleias do Sínodo dos Bispos em 2014 e 2015. Mas foi no discurso para a comemoração dos 50 anos do Sínodo dos Bispos (19 de outubro de 2015) que ele desenvolveu mais detalhadamente o que pensa sobre este tema.<sup>3</sup> Nessa ocasião, ele manifestou sua convicção de que “*o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio*”.<sup>4</sup>

Sinodalidade é o substantivo abstrato, e se compreende a partir do concreto sínodo e do adjetivo sinodal. “Sínodo”, composto pela proposição *sýn*, junto, e pelo substantivo *hodós*, caminho, indica, literalmente, um caminho feito em conjunto pelo povo de Deus peregrino. Outra hipótese de etimologia vê a derivação de sínodo de uma palavra do antigo dialeto ático, *oudós*, que significa a soleira da casa.<sup>5</sup> Neste caso, sínodo significaria, então, estar reunidos num local ao qual se acedeu pela mesma entrada.

A respeito do significado dessa palavra, é clássico citar o comentário de S. João Crisóstomo ao primeiro versículo do Salmo 149. Procurando o sentido do final do versículo 1 (“*Ressoe seu louvor na Assembleia dos fiéis*”), o santo doutor conclui: “*nesta palavra vemos que é necessário louvar a Deus em perfeita concordância, porque a Igreja é uma reunião em que reina a mais completa harmonia*”.<sup>6</sup> Em grego, esta última afirmação é: “*Ἐκκλησία γὰρ συστήματος καὶ συνόδου ἐστὶν ὄνομα.*” Em tradução literal: “*A Igreja é uma assembleia, e sínodo é o seu nome.*”

Em âmbito cristão, o antigo uso reserva a palavra “sínodo” para assembleias eclesiais, inclusive para a assembleia eucarística.<sup>7</sup> Daqui a ideia desse ensaio, explorar a possibilidade de enfocar a relação entre a Santíssima Eucaristia e a missão a partir da eclesiologia eucarística e da própria assembleia eucarística. A justificativa dessa perspectiva pode ser encontrada no cotejo entre duas afirmações de grande relevo eclesiológico. A primeira, tomada do decreto *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II, que afirma claramente: “*a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo*” (AG 2). A segunda é do magistério pontifício, e considera a sinodalidade como “*dimensão constitutiva da Igreja*”.<sup>8</sup>

A presente reflexão, procura aplicar à reflexão sobre a sinodalidade o método mistagógico apresentado por E. Mazza, a partir de estudos sobre S. Ambrósio de Milão, S. Teodoro de Mopsuéstia, S. João Crisóstomo,

S. Cirilo de Jerusalém e S. Agostinho de Hipona.<sup>9</sup> Ele se desenvolve nos seguintes passos: primeiro vem a descrição do rito a ser aprofundado; em seguida, a identificação, na Sagrada Escritura, do que se refere ao rito em questão; um aprofundamento do evento, com a finalidade evidenciar teologicamente seu significado salvífico; um retorno ao rito, aplicando a ele os esclarecimentos obtidos; e, por fim, a explicitação do dinamismo de conjunto em chave litúrgico-sacramental. Os passos da presente reflexão se deixam inspirar por este modo de construir a reflexão.

Como no método mistagógico, partiremos da *lex orandi*, em seguida buscaremos seus fundamentos na Sagrada Escritura e nos Padres, para então aprofundar um aspecto colhido como centralmente importante e tirar consequências práticas.

### *1. A eclesiologia eucarística na “lex orandi”*

Nas novas Orações eucarísticas, se explicitou um elemento implícito no Cânnon Romano. Elemento este testemunhado na tradição ininterrupta das Igrejas Orientais – católicas e ortodoxas: a unidade das duas epicleses.

Exemplarmente, a Oração Eucarística II as apresenta assim: na primeira epiclese se lê “*santificai estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, a fim de que se tornem para nós o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso*”. Após o relato da instituição da Eucaristia na última ceia e a anamnese ofertorial, continua a segunda epiclese: “*e nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo*”. Após a primeira epiclese, a assembleia, na aclamação prevista na tradução brasileira, suplica: “*Santificai nossa oferenda, ó Senhor!*”, e após a segunda: “*Fazei de nós um só corpo e um só espírito!*”.

O movimento de “consagração” da primeira epiclese continua naturalmente na segunda: a consagração das oferendas é pedida para que, pela comunhão nelas, sejamos reunidos num só corpo. E essa união é pedida, como se vê claramente nas intercessões, não apenas para a assembleia orante, mas para toda a Igreja e para toda a humanidade.

Cesare Giraud tem insistido sobre o tema em diversas publicações. Este ensino é profundamente tradicional. Tem suas bases na Sagrada

Escritura, é ensinado pelos Padres e especulado pelos teólogos medievais. A retomada mais recente dessa doutrina, a partir do movimento litúrgico, abriu novas e profundas perspectivas para a eclesiologia e para o ecumenismo.

J. Ratzinger fala da Eucaristia como “*sacramento das transformações*”. A transformação dos dons, que é a continuidade das transformações fundamentais da cruz e da ressurreição, não é o ponto final, mas, por sua vez, só um início. Afirma Ratzinger:

O fim da Eucaristia é a transformação de quantos a recebem na autêntica comunhão com a sua transformação. E assim o fim é a unidade, a paz, que nós próprios como indivíduos separados, que vivemos uns ao lado dos outros, nos tornamos com Cristo e em Cristo um organismo de doação, a fim de vivermos com vista à ressurreição e ao novo mundo. Desta forma torna-se visível a quinta e última transformação, que caracteriza este sacramento: através de nós, os transformados, uma vez que nos tornamos um só corpo, um só espírito que dá a vida, toda a criação deve ser transformada. Toda a criação deve tornar-se “uma cidade nova”, um novo paraíso, habitação viva de Deus: Deus que é tudo em todos (1Cor 15,28) assim descreve Paulo o fim da criação, que se deve configurar a partir da Eucaristia.<sup>10</sup>

Nesse mesmo contexto, deixa ainda mais claras suas afirmações:

A Eucaristia é um processo de transformação, no qual nós somos envolvidos, força de Deus para a transformação do ódio e da violência, força de Deus para a transformação do mundo. Então rezemos, para que o Senhor nos ajude a celebrá-la e a vivê-la desta forma. Rezemos para que ele nos transforme a nós e, juntamente conosco, ao mundo, na nova Jerusalém.<sup>11</sup>

Como a seguir apresentamos uma amostra da Escritura e dos Padres, aqui nos permitimos, com brevidade, recordar que a Idade Média manteve essa importante doutrina. Fê-lo, porém, recorrendo a distinções que lhe são típicas, e que se distanciam significativamente da simplicidade e da poética que caracterizam a linguagem da sagrada liturgia. H. de Lubac assim apresenta esta permanência doutrinária:

A partir do século XI (...) se começou a distinguir três elementos no sacramento, como que repartidos em três graus de profundidade, todos eles necessários à integridade dos sacramentos: *sacramentum-tantum*,

que é o sinal exterior; *sacramentum-et-res*, que é a coisa contida sob o sinal, esta mesma de uma realidade mais profunda; e *res-tantum*, fruto definitivo do sacramento. O primeiro destes elementos era constituído, pelas espécies do pão e do vinho com os ritos do sacrifício: *forma panis et vini*; o segundo, pelo próprio corpo de Cristo: *veritatis carnis et sanguinis*; e o terceiro, pela unidade da Igreja: *virtus unitatis et Caritatis*.<sup>12</sup>

## 2. A eclesiologia eucarística do Apóstolo Paulo

Do Apóstolo S. Paulo pose-se dizer que é o fundador da Eclesiologia eucarística, ou da compreensão da realidade eclesial a partir da santa Eucaristia. Sua afirmação mais contundente a respeito se acha em 1Cor 10,16-17: “*O cálice da bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão com o corpo de Cristo? Visto que há um só pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão*” (1Cor 10,16-17). Esta é a apresentação mais evidente de uma doutrina que se encontra, em seus fundamentos ou conseqüências, em diversas outras partes.

Com fundamento em um princípio tradicional no Antigo Testamento – “*os que comem as vítimas imoladas estão em comunhão com o altar*” (1Cor 10,18; cf. Ex 32,6; Lv 7,6.15; Dt 12,11s) – ele fala da comunhão que é a Igreja pela comunhão com o altar – ou com a divindade invocada na oferenda.

Refletindo sobre o modo como se faz a comunhão que é a Igreja a partir da comunhão com Cristo, o Card. Ratzinger, no Congresso Eucarístico da diocese italiana de Benevento, em 2002,<sup>13</sup> convida a interpretar essa correlação a partir do modo como o Cânon Romano transmite as palavras da última ceia. Em tradução literal, assim diz o Missal:

Na véspera da sua paixão Jesus tomou o pão nas suas mãos santas e veneráveis, levantou os olhos para o céu, para ti, Deus Pai Omnipotente, com a oração de bênção, partiu-o, deu-o aos seus discípulos e disse: tomai todos e comei. Isto é o meu corpo, oferecido em sacrifício por vós. E depois da ceia, do mesmo modo, tomou o cálice precioso nas suas mãos santas e veneráveis, deu-te graças com a oração de bênção, repartiu-o pelos seus discípulos e disse: tomai todos e bebei. Isto é o

cálice do meu sangue para a nova e eterna aliança, derramado por vós e por todos em remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim.

Naquela ocasião, chamou atenção para as palavras fundamentais, observando que não se diz simplesmente “isto é meu corpo” e “isto é meu sangue”. Mas, isto é meu corpo, oferecido por vós e “meu sangue para a nova e eterna aliança, derramado por vós e por todos”. Corpo oferecido, sangue derramado. Trata-se de uma realidade dinâmica, de uma pessoa que faz dom de si mesma e se comunica, entrega-se. Ressuscitado, pode estar presente e continuar agindo porque se doou. A Igreja, feita pela santa Eucaristia, é, então, parte intrínseca do Ressuscitado, que a ela se entregou e a associou a si pela oblação. Ele se fez um com ela, para nela continuar a viver e por meio dela a agir.

S. Paulo, no mesmo escrito acima citado, tira consequências eclesiais importantíssimas do princípio mencionado. Por exemplo, exorta os coríntios a superar as divisões sociais que se refletem em sua assembleia (“*ekklesia*”) (1Cor 11,17-34); ensina que a comunhão prevalece – como um só corpo – e é servida pela diversidade de membros e de carismas (1Cor 12,12-27); e orienta a coleta em favor dos irmãos necessitados da comunidade de Jerusalém (1Cor 16,1-4), coleta que na segunda carta aos coríntios é chamada ela mesma como “*koinonia*” (2Cor 8,4).

### 3. A eclesiologia eucarística dos Padres da Igreja

O Card. Henri de Lubac, que deu uma contribuição de primeira grandeza para o florescimento da eclesiologia eucarística, recolhe um tesouro de afirmações dos Padres a respeito da relação entre a santa Eucaristia e a Igreja.<sup>14</sup> Dele tomamos alguns exemplos que parecem suficientes para ver como os Padres meditaram, aprofundaram e transmitiram o ensinamento paulino.

Antes, é bom notar que há uma metáfora recorrente, inaugurada pela Didaqué e utilizada por Santo Inácio de Antioquia. A comparação entre o pão formado por muitos grãos e a Igreja formada a partir de muitas pessoas. A seguir, um simples florilégio de sentenças patrísticas.

S. Cipriano de Cartago († 450) afirma: “*Quando o Senhor chama o pão de seu corpo, que é feito de muitos grãos reunidos, significa a união*”

*de todo o povo cristão, que ele levava em si. Quando chama o vinho de seu sangue, que é uma só bebida de muitos cachos, significa ainda a gri que somos nós, provenientes de uma multidão reconduzida à unidade”.*<sup>15</sup>

S. João Crisóstomo († 407): “*Não é para participar ou para receber que nós comungamos, mas é principalmente para tornarmo-nos uma coisa só. Assim como aquele corpo [assumido na encarnação] tornou-se uma coisa só com Cristo, assim por meio deste pão, também nós nos tornamos uma só coisa com ele*”. E, continua: “*O que é o pão? Corpo de Cristo! O que se tornam aqueles que o recebem? Corpo de Cristo! Não muitos corpos, mas um só corpo. Como o pão, composto a partir de muitos grãos, é uma coisa só, e os grãos – ainda presentes – não se percebem mais por ter sua diferença desaparecido na união, desse modo também nós estamos unidos uns aos outros e a Cristo*”.<sup>16</sup>

S. Agostinho († 430), reflete com seus neófitos em uma catequese mistagógica sobre a comunhão eucarística: “*– Então se diz: O Corpo de Cristo. E vós respondeis: Amém. Sede, pois, membros do corpo do Cristo, para que seja verdadeiro o vosso Amém*”. Deste ponto, ele avança perguntando retoricamente a partir do pão tomado metaforicamente: “*E por que este mistério é feito com o pão? [...] E o que é este pão único?*”. Respondendo ele mesmo, afirma: “*Um só corpo, feito de muitos. Pensai vós que o pão não se faz com um grão só, mas com um grande número deles. Durante os exorcismos, estáveis de alguma maneira sob a mó. No batismo fostes umedecidos na água. Em seguida, o Espírito Santo veio em vós como o fogo que assa a massa: Sede, pois, o que vedes e recebei o que sois*”. O mesmo tratamento metafórico o grande doutor dá ao vinho: “*Quanto ao cálice, irmãos meus, recordai como o vinho é feito. Muitos grãos pendem do cacho, mas o líquido que escorre de todos se confundem na unidade. Assim o Senhor quis que nós Lhe pertencêssemos, e consagrou no seu altar o mistério da nossa paz e da nossa unidade*”.<sup>17</sup>

Dessa mesma catequese – ainda uma afirmação a mais: “*Portanto, se vós sois o corpo de Cristo e seus membros, sobre a mesa do Senhor está colocado vosso mistério: recebeis vosso mistério. Ao que sois respondeis amém, e ao responder o firmais. Realmente, se te diz: o Corpo de Cristo, respondes: Amém. Sê membro do corpo de Cristo e teu amém será verdadeiro*”.

De S. Leão Magno († 461) recordamos uma máxima tão breve quanto clara: “*A participação do corpo e do sangue de Cristo outra coisa não faz senão transformar-nos no que tomamos.*”<sup>18</sup>

No final do período dos Padres, S. João Damasceno († 749), continua ensinando: “*Se o sacramento é uma união com Cristo, e ao simultaneamente uma união de uns com os outros, nos proporciona a unidade, em todos os sentidos, com aqueles que como nós o recebem.*”<sup>19</sup>

Essa é a eclesiologia que os Padres – comentadores da Escritura em contexto litúrgico – transmitiram. Disso dá testemunho o grande estudo do tema:

Teólogos e pregadores, exegetas e liturgistas, polemistas e poetas a expõem cada um por sua vez. Parece tão central a todos que as suas discussões a deixam intocada. Como não é o privilégio da especulação culta, assim também não é um bem particular de uma escola. [...] Defensores do “*metabolismo ambrosiano*”, do “*dinamismo agostiniano*” ou do “*simples realismo romano*” [...], qualquer que seja a relação que estabelecem entre “*o corpo nascido da Virgem*” e o corpo eucarístico; na afirmação da presença sacramental ponham o acento no “*mysterium*” ou na “*veritas*”, todos são unânimes: o fruto essencial do sacramento é a unidade.<sup>20</sup>

#### 4. A recepção da Eclesiologia eucarística pelo Concílio Vaticano II

Acolhendo e aprofundando conquistas de movimentos que lhe precederam, o Concílio Ecumênico Vaticano II dá uma grande contribuição à promoção de uma renovada eclesiologia eucarística. Na Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, ensina que as Igrejas particulares são formadas à imagem da Igreja universal e que nelas e a partir delas é constituída a única Igreja católica,<sup>21</sup> e que a Igreja de Cristo é verdadeiramente presente (*adest*) nas legítimas comunidades locais de fiéis.<sup>22</sup> Ao dar uma definição de diocese, o Concílio afirma que na Igreja particular está presente e atua (*inest et operatur*) a Igreja de Cristo, Una, Santa, Católica e Apostólica.<sup>23</sup>

O fundamento da eclesiologia eucarística do Concílio está na presença de Cristo à Igreja, que a Santa Eucaristia realiza por excelência,



“por antonomásia”. Isto se patenteia em uma simples leitura de algumas de suas afirmações:

Toda vez que se celebra sobre o altar o sacrifício da cruz com o qual “*Cristo nossa Páscoa foi imolado*” (1Cor 5,7), se cumpre a obra da nossa redenção, e ao mesmo tempo com o sacramento do pão eucarístico é representada e realizada a unidade dos fiéis que constituem em Cristo um só corpo (cf. 1Cor 10,17), à qual são chamados todos os seres humanos.<sup>24</sup>

No contexto da doutrina sobre o “*sacerdócio comum*” e como ele se realiza na celebração dos sacramentos, na mesma *Lumen gentium* se afirma: “*alimentando-se do corpo de Cristo na santa assembleia, manifestam concretamente a unidade do povo de Deus, unidade que o sacramento da Eucaristia admiravelmente exprime e realiza*”.<sup>25</sup> A mesma doutrina se encontra ainda no decreto sobre o ecumenismo: “*E na sua Igreja instituiu o sacramento da Eucaristia, pelo qual a unidade da Igreja é significada e realizada*”.<sup>26</sup>

Tratando do múnus de santificar dos Bispos, faz uma afirmação de grande importância para nosso tema. Tendo afirmado que pela Eucaristia “*a Igreja vive e cresce*”, desenvolve o tema:

A Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, as quais aderindo aos seus pastores, são elas mesmas chamadas igrejas no Novo Testamento. Pois elas são, no local em que se encontram, o novo Povo chamado por Deus, no Espírito Santo e com plena segurança (cf. 1Tes 1,5). Nelas se congregam os fiéis pela pregação do Evangelho de Cristo e se celebra o mistério da Ceia do Senhor ‘para que o corpo da inteira fraternidade seja unido por meio da carne e sangue do Senhor’. Em qualquer comunidade que participa do altar sob o ministério sagrado do Bispo, é manifestado o símbolo do amor e da unidade do Corpo místico, sem o que não pode haver salvação. Nestas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou dispersas, está presente Cristo, por cujo poder se unifica a Igreja una, santa, católica e apostólica. Pois ‘outra coisa não faz a participação no corpo e sangue de Cristo, do que transformar-nos naquilo que recebemos’.<sup>27</sup>

Por fim, ainda uma citação, em vista de se ter uma amostra o mais completa possível da eclesiologia eucarística do Vaticano II: “*Uma comunidade cristã não pode formar-se senão tendo como raiz e como centro a celebração da santíssima Eucaristia, na qual deve inspirar-se*

*toda a educação ao espírito comunitário. A celebração eucarística, por sua vez, para ser sincera e plena deve conduzir seja às diversas obras de caridade e à recíproca ajuda, seja à ação missionária e às várias formas de testemunho cristão.*”<sup>28</sup>

### 5. Um aspecto fundamental da eclesiologia eucarística:

#### *A presença de Cristo*

O fundamento da relação entre a Eucaristia e a Igreja se encontra – como visto nos textos conciliares – na presença de Cristo. Esse tema, foi desenvolvido de vários modos na tradição eclesial, relacionados com a liturgia mas também para além dela. O texto referencial fundamental é Mt 18,20: “*onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles*”.

Quanto à liturgia – é preciso estar atentos a que a presença de Cristo à sua Igreja não se limita a ela –, a doutrina da presença de Cristo foi retomada no Magistério recente por Pio XII, na *Mediator Dei*.<sup>29</sup> Este é, efetivamente, o primeiro documento a propor uma apresentação doutrinal do que é a sagrada liturgia, considerando os avanços do movimento litúrgico e orientando a renovação da liturgia. O tema da presença de Cristo na ação litúrgica é apresentado em seu número 19. A constituição sobre a sagrada liturgia – *Sacrosanctum Concilium* – expõe essa doutrina em seu número 7. Paulo VI a retomou na encíclica *Mysterium fidei*.

É preciso considerar como a práxis das assembleias eclesiais ao mesmo tempo em que expressa a comunhão eclesial a faz crescer. Diz o autor da carta aos Hebreus: “*Olhemos uns pelos outros para estímulo à caridade e às boas obras. Não abandonemos a nossa assembleia, como é costume de alguns, mas admoestemo-nos mutuamente, e tanto mais quando vedes aproximar-se o grande dia*” (Hb 10,24-25). Existe um papel ativo da assembleia com relação à comunhão permanente da Igreja: ela estimula a perseverança e o progresso na vida eclesial de seus membros e cria reciprocidade entre eles; mantém ainda a consciência da dimensão escatológica da vida eclesial.<sup>30</sup>

Na celebração eucarística, a assembleia não faz parte do sinal sacramental, que é constituído pelo pão e vinho e pelas palavras de sua

consagração. Mas está no coração do simbolismo. Ela exerce um papel privilegiado para produzir e manifestar a comunhão fraterna que estrutura a Igreja, que é, como união do corpo místico, o efeito próprio da Eucaristia. Ela estimula as relações mútuas que constitui a Igreja um só corpo. O sinal é relação de significação; é formal; em termos de conhecimento, visa a precisão, tem significado restrito na mesma medida de sua precisão. O símbolo tem sua consistência própria; é concreto; cognitivamente tem certa opacidade, mas contém potencialmente maior riqueza de significado. O simbolismo é mais amplo, inclui todos os elementos celebrativos, que contextualizam e enriquecem o sentido dos sinais.

Celebrar a Eucaristia é fazer e renovar sem cessar a Igreja (*res eucharistiae*) como comunhão. Celebrar é unir, reunir em assembleia, convocar. É desejável que tudo isto esteja presente no simbolismo sacramental. [...] Ao nível do simbolismo, a assembleia *eucarística* tem um papel específico com relação a todas as outras assembleias, tem um lugar particular. O simbolismo da assembleia, pleno desenvolvimento do sinal sacramental, contribui para melhor significar o efeito comunal da Eucaristia.<sup>31</sup>

Enquanto comportamento típico de comunhão, a assembleia revela vários aspectos da comunhão que é a Igreja. O primeiro é a própria concretização da Igreja na reunião dos fiéis. A Igreja não resulta de uma decisão humana de congregar-se ou de constituir uma sociedade. É criatura de Deus em Cristo, pelo Espírito. Do modo concreto como ela se manifesta localmente, porém, se pode dizer que ele está essencialmente ligado à resposta de fé à Palavra anunciada e à adesão à comunidade dos que já anteriormente a acolheram (Cf. 1Jo 1,1-4).

Consideramos até aqui, com especial destaque, a presença de Cristo na Assembleia. Mas a Mt 18,20 é preciso, para compreender a riqueza de formas da presença de Cristo, vários outros textos, como Lc 10,16: “*quem vos ouve, a mim ouve*” – que relaciona sua presença com a pregação da palavra. No mesmo sentido, Mc 16,20: “*Os discípulos partiram e pregaram por toda parte. O senhor cooperava com eles e confirmava sua palavra com os milagres que a acompanhavam*”. Ainda outro importante texto, que amplia a compreensão dos modos da presença do Senhor, Mt 25,31-46, no qual o senhor se identifica com os sofredores de todo tipo.

Mesmo que nos atenhamos à presença de Cristo na Assembleia, é preciso considerar como a Igreja primitiva reconheceu, além da reunião eucarística, outras formas de assembleia: por exemplo, as reuniões que são apresentadas nos Atos dos apóstolos para tratar de problemas concretos da vida da Igreja: a substituição de Judas (cf. At 1,15); a assistência das viúvas helênicas (cf. At 6,2); a discussão do valor vinculante ou não da lei mosaica (cf. At 15,6). Com base nesses textos se pode falar de uma prática de realização de assembleias também em vista da deliberação (cf. At 1,23; 6,3; 15,7). Mas, mesmo o texto de Mateus 18,20 é usado na Tradição para tratar de como Cristo é presente também nos concílios e sínodos.<sup>32</sup>

Dessa eclesiologia eucarística e da importância da assembleia eucarística para o “*reunir-se*” na Igreja, a modo de conclusão, apresentamos uma aplicação de como a *synaxis* eucarística é forma prototípica das assembleias e modelo da sinodalidade.

#### *6. A missão e a sinodalidade a partir da assembleia eucarística*

Extraindo conclusões das reflexões aqui propostas, busca-se evidenciar como os elementos fundamentais da sinodalidade eclesial brotam da santa Eucaristia, qual de uma fonte, uma vez que a Eucaristia faz a Igreja.

Por primeiro, a natureza mesma da sinodalidade da Igreja se realiza na celebração da santa Eucaristia. Inspirando-se na eclesiologia de Santo Inácio de Antioquia, que cita em nota, o Concílio Vaticano II afirmou que “*a principal manifestação da Igreja se faz numa participação perfeita e ativa de todo o Povo santo de Deus na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma Eucaristia, numa única oração, ao redor do único altar a que preside o Bispo rodeado pelo presbitério e pelos ministros*” (SC 41).

A Eucaristia provê o alimento – na Palavra e no Sacramento – para a peregrinação do povo de Deus. “*Sempre que a Igreja a celebra, os fiéis podem de certo modo reviver a experiência dos dois discípulos de Emaús.*”<sup>33</sup> Portanto, a Eucaristia, enquanto “*fonte e cume da vida cristã*”<sup>34</sup> realiza ordinariamente a sinodalidade eclesial. A *synaxis* eucarística é a forma mais básica e a expressão mais perfeita da vida

sinodal do povo de Deus. Nela se encontram as notas fundamentais da vida sinodal.

Primeiramente, o estar unidos em nome da Trindade Santíssima. A Igreja é convocação divina e se reúne em seu nome. Trata-se do primado absoluto de Deus, de cuja graça a Igreja vive, cuja vontade busca conhecer e pelo qual e em cujo nome é continuamente enviada.

A comunhão dos viandantes que é a Igreja neste mundo, é continuamente necessitada de purificação. A confissão dos pecados, dos ritos iniciais revela que seu *“caminhar juntos”* é também uma via penitencial. O Concílio ensinou que a Igreja, contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação. [...] Mas é robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer, pela paciência e pela caridade, as suas aflições e dificuldades tanto internas como externas, e a revelar, velada mas fielmente, o seu mistério, até que por fim se manifeste em plena luz.<sup>35</sup>

A glorificação de Deus é a finalidade do caminho sinodal da Igreja. Esta é sua vocação definitiva. A contemplação das obras de Deus faz com que a Igreja como que antecipe a meta quando, extasiada, se reúne para cantar os louvores daquele que lhe *“chamou das trevas à sua luz admirável”* (1Pd 2,9).

Na liturgia da Palavra a Igreja toma continuamente consciência de que escutar a Deus é condição para que não se perca pelos descaminhos. *“Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, consciente que ‘escutar é mais que ouvir.’*”<sup>36</sup> Na santa Eucaristia a Igreja escuta a proclamação da Palavra santa de Deus e medita sobre ela. E o faz com veneração. Em seguida responde, pois a fé é essencialmente dialógica. *“A Deus que se revela, deve-se a obediência da fé.”*<sup>37</sup> Da homilia afirma o Papa Francisco:

Reveste-se de um valor especial a homilia, derivado do seu contexto eucarístico, que supera toda a catequese por ser o momento mais alto do diálogo entre Deus e o seu povo, antes da comunhão sacramental. A homilia é um retomar este diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e o seu povo. Aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e também onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto.<sup>38</sup>

A oração eucarística – ação de graças por excelência, é a “eucaristia” da Igreja. Em seu significado, como disse Bento XVI na comemoração de seus 65 anos de ordenação presbiteral, elaremete-nos para aquela realidade de ação de graças, para a nova dimensão que Cristo conferiu. Ele transformou em ação de graças, e deste modo em bênção, a cruz, o sofrimento, todo o mal do mundo. E assim, fundamentalmente, transubstanciou a vida e o mundo, ofereceu-nos e oferece-nos cada dia o Pão da verdadeira Vida, que supera o mundo graças à força do seu amor. No final, desejamos inserir-nos nesta “ação de graças” do Senhor, e assim receber realmente a novidade da vida e contribuir para a transubstanciação do mundo: que não seja um mundo de morte, mas de vida, um mundo em que o amor venceu a morte.<sup>39</sup>

A comunhão eucarística é momento especial da vida sinodal da Igreja, uma vez que – como afirma S. João Paulo II – “*a Eucaristia cria comunhão e educa para a comunhão*”.<sup>40</sup> A graça da Eucaristia (*res tantum*) – como visto – é a comunhão eclesial, comunhão com Deus e uns com os outros. Na vida sinodal, a busca da comunhão é consequência direta desta comunhão antecipada no altar e para cuja plena realização se peregrina. Comunhão é a convergência em Deus de pessoas tão diferentes entre si, como no dia de Pentecostes, dia da primeira manifestação da Igreja ao mundo. Daí que “o caminho” seja o nome que nos Atos se atribui ao primeiro grupo de cristãos.<sup>41</sup>

A comunhão fruto da Eucaristia se destina à missão. O povo que do altar se alimenta é o “*povo messiânico*”.<sup>42</sup> A comunhão recebida impulsiona a partilhar com os outros a graça recebida. A comunhão sinodal é intimamente orientada para o caminho partilhado com toda a humanidade. Nele os cristãos são sal, luz e fermento. “*Uma Igreja sinodal é como uma bandeira levantada entre as nações (cf. Is 11,12) em um mundo que – invocando participação, solidariedade e transparência na administração da coisa pública – frequentemente entrega o destino de populações inteiras nas mãos ávidas de restritos grupos de poder.*”<sup>43</sup>

Quem reconhece o Senhor no Tabernáculo, também o reconhece nos que sofrem e nos necessitados; pertence àqueles sobre os quais o juiz do mundo dirá: tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; estava nu e destes-Me de vestir; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter Comigo (Mt 25,35).

Assim, uma aclamação feita pela Assembleia durante a celebração eucarística no Missal em uso no Brasil – “*caminhamos no caminho de Jesus*” – se caracteriza como uma aclamação sinodal que emerge do coração da celebração eucarística. Mais, ela tem a vantagem e a beleza de ligar a celebração da Eucaristia como o caminho que a Igreja é chamada a percorrer. Mais ainda, ela nos ajuda a compreender que para seu caminho sinodal – seja-me perdoada a tautologia – a Eucaristia não oferece somente a força, mas também o modelo e o programa. A verdadeira sinodalidade é um caminhar juntos, no caminho de Jesus. É um caminhar juntos no caminho que é Jesus. Portanto, a verdadeira sinodalidade se faz em fidelidade a Jesus, a seu Evangelho, a seu Espírito e ao caminho que sua Igreja percorreu até o presente momento. Essa fidelidade é critério para o caminho pelo qual ela é chamada avançar no presente e no futuro.

## 7. Conclusões

Na teologia joanina da Eucaristia, é muito claro que a Eucaristia se destina tanto à imortalidade dos comungantes, à vida eterna (Jo 6,50.51.54.58), quanto à vida do mundo (Jo 6,33.51). É com esse alimento que a Igreja se põe a caminho, pelas estradas do mundo, pelas esquinas e praças (Mt 22,9), para oferecer a vida que se encontra no conhecimento de Cristo. Convencida que está por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar Tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n’Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. É por isso que evangelizamos. O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária.<sup>44</sup>

J. Ratzinger, em uma célebre reflexão sobre o tema de que nos ocupamos, depois de passar em exame a teologia paulina da liturgia e do martírio, conclui:

Uma Eucaristia que permanecesse somente como um contraposto diante de nós acabaria por reencontrar-se na dimensão material e o nível propriamente cristão não seria absolutamente alcançado. Inversamente: uma existência cristã que não fosse envolvimento na Páscoa do Senhor, que não se tornasse ela mesma Eucaristia, acabaria no moralismo do nosso agir e deste modo, novamente, não colheria a totalidade da liturgia nova, que é fundada mediante a Cruz. A obra missionária do Apóstolo não se coloca, portanto, ao lado da liturgia, mas ambas formam juntas uma totalidade vivente em múltiplas dimensões.<sup>45</sup>

Essa correlação entre Eucaristia e missão, e, por consequência, entre Eucaristia e vida sinodal da Igreja, não se põem certamente em termos de propaganda, por meio da qual se buscaria conquistar pessoas para o cristianismo. Sabemos bem que o cristianismo cresce por atração, pela força do testemunho, que torna Deus presente no mundo de modo credível. Já no final do século I, S. Inácio de Antioquia afirmou: “*o Cristianismo não é obra de persuasão*”.<sup>46</sup> Situar a celebração da Eucaristia no âmbito dos mecanismos do marketing seria danoso tanto para a Eucaristia quanto para a missão, pois, no máximo, a celebração se tornaria uma festa ou outra de entretenimento atrativo e momentaneamente superficial. Nela continua a ser realzar a palavra de Cristo “*quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim*” (Jo 12,32).

Centro, ápice e fonte da ação eclesial, a Eucaristia cria continuamente o dinamismo que leva a Igreja para além de si mesma. Ela confere ao caminho sinodal da Igreja a motivação mais profunda que pode haver. Se a renovação sinodal da Igreja para um renovado compromisso missionário não é um simples método, não é puro pragmatismo, nem apenas reforma daquilo que na Igreja é “*suscetível de mudança*”,<sup>47</sup> mas expressão da natureza íntima da Igreja, então ela só pode alimentar-se do “*encontro com Cristo, continuamente aprofundado na intimidade eucarística*”, que “*suscita na Igreja e em cada cristão a urgência de testemunhar e evangelizar*”.<sup>48</sup> O mesmo Papa S. João Paulo II recorda que a Igreja tira a força espiritual de que necessita para levar a cabo a sua missão da perpetuação do sacrifício da cruz na Eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de



Cristo. Deste modo, a Eucaristia apresenta-se como *fonte* e simultaneamente *vértice* de toda a evangelização, porque o seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, n'Ele, com o Pai e com o Espírito Santo.<sup>49</sup>

A respeito do Sínodo dos Bispos, que é ponto de convergência do dinamismo sinodal,<sup>50</sup> Papa Francisco orienta, na *Episcopalis communio*:

Cada Assembleia, independentemente das suas modalidades de realização, é um momento importante de escuta comunitária daquilo que o Espírito Santo “diz às Igrejas” (Ap 2,7). Por isso, é necessário que, no decurso dos trabalhos sinodais, recebam destaque particular as celebrações litúrgicas e as outras formas de oração coral, para invocar sobre os Membros da Assembleia o dom do discernimento e da concórdia. É conveniente também que, segundo a antiga tradição sinodal, seja solenemente entronizado o Evangelário no início de cada dia, lembrando também simbolicamente a todos os participantes a necessidade de se tornarem dóceis à Palavra divina, que é “Palavra da verdade” (Col 1,5).<sup>51</sup>

Concluo esta reflexão com a afirmação de Bento XVI no último documento magisterial a respeito da Santíssima Eucaristia, quando, evidenciando a relação que há entre Eucaristia e Missão, afirma não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n'Ele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: “*Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária.*” Havemos, também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: “*Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão conosco*” (1Jo 1,2-3). Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos! Aliás, a própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus: Ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo (Jo 3,16-17; Rm 8,32). Na Última Ceia, Jesus entrega aos seus discípulos o sacramento que atualiza o sacrifício que Ele, em obediência ao Pai, fez de Si mesmo pela salvação de todos nós. Não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã.<sup>52</sup>

*Note*

1. FRANCISCO, *Discorso alla delegazione del Patriarcato Ecumenico di Costantinopoli*, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco\\_20130628\\_patriarcato-ecumenico-costantinopoli.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130628_patriarcato-ecumenico-costantinopoli.html). Acesso: 12 de maio de 2021.
2. FRANCISCO, *In sollemnitate sancti Petri et Pauli Apostolorum*, AAS 105 [2013] 602.
3. FRANCISCO, *Discorso in occasione della Commemorazione del 50.mo anniversario dell'Istituzione del Sinodo dei Vescovi*, AAS 107 [2015] 1138-1150.
4. ID., *ibid.*, 1139.
5. Cf. A. JOIN-LAMBERT, *Les liturgies des synodes diocésains français 1983-1999*, Paris, Cerf, 2004, 61-65.
6. S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Exp. in Psalm.* 149,1: PG 55, 493.
7. LAMPE, G., *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford: Clarendon Press, 1968, 1334-1335.
8. FRANCISCO, *Op. Cit.*, 1141.
9. MAZZA, E., *La mistagogia. Le catechesi Liturgiche della fine del quarto secolo e il loro metodo*, CLV–Edizioni Liturgiche, Roma 1996<sup>2</sup>, 194-198.
10. RATZINGER, J., *Eucaristia, comunhão e solidariedade*. In: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20020602\\_ratzinger-eucharistic-congress\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20020602_ratzinger-eucharistic-congress_po.html)
11. ID., *Ibid.*
12. DE LUBAC, H., *Cattolicismo. Aspetti sociali del dogma*, Jaka Book: Milano, 1978, p. 62.
13. RATZINGER, J., *Eucaristia, comunhão e solidariedade*. Cit.
14. DE LUBAC, H., *Catholicisme. Les aspects sociaux du dogme, 1938*; ID., *Corpus mysticum. Essai sur L'Eucharistie et l'Église au moyen âge*, 1949.
15. S. CIPRIANO, Epistola 69, c. 5, n. 2 (Bayard, t. 2, p. 242-243).
16. S. JOÃO CRISÓSTOMO, In 1Cor hom. 24,2: PG 61, 200.
17. S. AGOSTINHO, Sermo 272: PL 38, 1247.
18. S. LEÃO MAGNO, Sermo 63,7: PL 54, 357C.
19. S. JOÃO CRISÓSTOMO, *De fide orthodoxa*, 1.4, c. 13: PG 94, 1154.
20. DE LUBAC, H., *Cattolicismo. Aspetti sociali del dogma*, Jaka Book, Milano, p. 60.
21. Cf. LG 23.
22. Cf. LG 26.
23. Cf. CD 11.
24. LG 3.
25. LG 11.
26. UR 2.
27. LG 26. A citação final é de S. Leão M., Sermo 63,7: PL 54, 357 C.
28. PO 6.

29. Uma avaliação da importância desta encíclica para o desenvolvimento da teologia da liturgia posterior feita por J. LAMBERTS, “Un anniversaire important: ‘Mediator dei et hominum’ 50 ans depois sa parution, *QuLi* 78 (1997) 131-147.
30. MARTIMORT, A.-G., “Précisions sur l’assemblée liturgique”, MD 60 (1959) 7-34.
31. HAMER, J., *L’Église est une communion*, 226.
32. PIO IX, carta apostólica *Aeterni Patris* (MANSI, t. 50, col. 196 [pela qual convoca o Concílio Vaticano I]); S. GREGÓRIO MAGNO, *Epist. Lib. 9, ep. 106*: PL 77, col 1032, onde insiste com os bispos gauleses a respeito do dever de realizar sínodos regularmente. J. Hamer, menciona a este respeito o *Ordo ad synodum* do Pontifical romano e as *Instituta* de Calvino, em que esta compreensão desempenha importante papel (*L’Église est une communion*, 217-218, especialmente a longa nota 4).
33. S. JOÃO PAULO II, encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 6.
34. LG 12.
35. LG 8.
36. FRANCISCO, *Op. Cit.*, 1140.
37. DV 5.
38. FRANCISCO, exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, 137.
39. BENTO XVI, Palavras do Papa Emérito na comemoração de seu 65º aniversário de ordenação sacerdotal. In: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco\\_20160628\\_65-ordinazione-sacerdotale-benedetto-xvi.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160628_65-ordinazione-sacerdotale-benedetto-xvi.html)
40. *Ecclesia de Eucharistia*, 40.
41. FITZMYER, J., “The Designation of Early Christians in Acts and their Significance” in *To Advance the Gospel*, Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 1998<sup>2</sup>, p. 320-321.
42. LG, 9.
43. FRANCISCO, *Op. Cit.*, 1144.
44. RATZINGER, J., *Eucaristia, comunhão e solidariedade. Op. Cit.*
45. FRANCISCO, exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, 266.
46. RATZINGER, J., Eucaristia e missão. In: ID., *Teologia da Liturgia. O fundamento sacramental da existência cristã* (Obras Completas, vol. XI). Brasília: Ed. CNBB, 2019<sup>2</sup>, 420.
47. S. INÁCIO DE ANTIOQUIA, Ad Rom 3,3.
48. SC 1.
49. JOÃO PAULO II, carta apostólica *Mane Nobiscum Domine*, 24.
50. JOÃO PAULO II, encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 22.
51. FRANCISCO, *Discorso in occasione della Commemorazione del 50.mo anniversario dell’Istituzione del Sinodo dei Vescovi*, AAS 107 [2015] 1140-1141.
52. FRANCISCO, constituição apostólica *Episcopalis Communio*, 8.
53. BENTO XVI, exortação apostólica *Sacramentum Caritatis*, 84.